



# POETAS COLOMBIANOS EM TRADUÇÃO PARA PORTUGUÊS

DOI: 10.34640/universidademadeira2024salgueiropizarro

—

**Aurélio Arturo**  
(La Unión, 1906 - Bogotá, 1974)



**Morada ao Sul** [trad. PT]**I**

Nas noites mestiças que subiam da erva,  
jovens cavalos, sombras curvas, brilhantes,  
estremeciam a terra com o seu casco de bronze.  
Negras estrelas sorriam na sombra com dentes de ouro.

Depois, de entre grandes folhas, saía lento o mundo.  
A ampla terra sempre coberta com as peles dos sóis.  
(Reis haviam ardido, rainhas brancas, brandas,  
sepultadas dentro de árvores gemiam ainda na espessura).

Observava a paisagem, os seus olhos verdes, cândidos.  
Uma vaca solitária, coberta por grandes manchas,  
enredada na noite enluarada, quando a lua declina  
é como um turpial na folhagem, “chamazinha”, “maçã de mel”.

A água límpida, de vastos céus, doméstica se aninha  
Contudo já na represa, salta a bela força,  
com a imponência de uma vacada que galga as pastagens.  
E uma onda verde, tímida, levanta toda a planura.

O vento vem, vem vestido de folhagens  
e detém-se e hesita ante as portas grandes,  
abertas às salas, aos pátios, aos celeiros.  
E adormece no velho portal onde o silêncio  
é um maduro galho de fragrantes nostalgias.

Ao meio-dia a luz flui desde essa laranja,  
no centro do pátio que varreram os criados.  
(O mais velho deles no solo sentado,  
o seu sonho, mosca zumbindo sobre a sua frente lenta).

Nem tudo era rudez, um áureo fio sonhador  
se enredava à polpa dos meus encantamentos.  
E se ao norte o velho bosque tem um tic-tac profundo,  
ao sul o curvo vento traz franjas de aroma.

(Eu observo as montanhas. Sobre as largas coxas  
da ama-de-leite, o sonho alarga-me os cabelos)



II

E aqui principia, neste torso de árvore,  
neste umbral polido por tantos passos mortos,  
a casa grande entre os seus frescos ramos.  
Nos seus cantos anjos de sombra e de segredo.

Nessas câmaras eu vi a face da luz pura.  
Porém quando as sombras as povoaram de musgos,  
ali, delicada e cauta, colocava entre as minhas mãos,  
as suas luas mais formosas a noite das fábulas.

\*\*\*

Entre anos, entre árvores, cingida  
por um vôo de pássaros, grinalda cuidadosa,  
casa grande, branco muro, pedra e ricas madeiras,  
à beira deste verde vaivém, deste marulho poderoso.

No umbral de carvalho demorava,  
já há muito tempo, muito tempo murcho,  
o alto grupo de homens entre sombras oblíquas,  
demorava entre o fumo lento iluminado por lembranças:

Oh vozes manchadas da tenaz paisagem, repletas  
do ruído de tão formosos cavalos que galopam sob os assombrosos ramos.

Eu subi às montanhas, também feitas de sonhos,  
eu ascendi às montanhas onde um grito  
persiste entre as asas de pombas selvagens

\*\*\*

Falo-te de dias cingidos pelas mais delicadas árvores:  
falo-te das vastas noites iluminadas  
por uma estrela de hortelã que inflama todo o sangue:

falo-te do sangue que canta como uma gota solitária  
que cai eternamente na sombra, inflamada:

falo-te de um bosque extasiado que existe  
apenas para ser ouvido, e que no fundo das noites pulsa  
violas, harpas, alaúdes e chuvas sempiternas.

Falo-te também: entre madeiras, entre resinas,  
entre milhares de folhas inquietas, de uma só  
folha:  
pequena mancha verde, de frescura, de graciosidade,  
uma folha só em que vibram os ventos que correram  
pelos belos países onde o verde é de todas as cores,  
os ventos que cantaram pelos países da Colômbia.

Falo-te de noites doces, junto às nascentes, junto aos céus

que estremecem temerosos entre asas azuis:

falo-te de uma voz que me é brisa constante,  
na minha canção movendo toda a palavra minha,  
como esse sopro que toda a folha move no sul, tão docemente,  
toda a folha, a noite e o dia, suavemente no sul.

### III

No umbral de carvalho demorava,  
já há muito tempo, muito tempo murcho,  
um vento já sem força, um vento remansado  
que repetia uma erva antiga, até ao cansaço.

E eu regressava, regressava pelos longos recintos  
que demorara quinze anos a percorrer, regressava.

E próximo da metade do meu canto me detive tremendo,  
tremendo temeroso, com um pé numa câmara  
enfeitiçada, e o outro à beira do vale  
donde ferve a noite estrelada, a noite  
que arde vorazmente numa chama tácita.

E a meio do caminho do meu canto tremendo  
me detive, e não se agita entre as suas asas quebradas,  
com tanta angústia, uma ave que agoniza, como pôde,  
o meu coração lutando entre céus atroz.

#### IV

Dorme agora na câmara da lança quebrada nas batalhas.  
Mãos de cera voam sobre a tua fronte onde murmuram  
as abelhas douradas da febre, dorme.  
O rio sobe pelos arbustos, pelas lianas, aproxima-se,  
e a sua voz é tão vasta e a sua voz é tão cheia.  
E dizes-lhe, repetes: És o meu pai? Enches o mundo  
com o teu sopro saudável, enches a atmosfera.  
— Sou o profundo rio dos mantos sumptuosos.

Dorme quinze anos fulgentes, a noite já coseu  
suavemente as tuas pálpebras, como duas folhas mais, à sua folhagem negra.

\*\*\*

Não eram jardins, não eram atmosferas delirantes. Tu te recordas  
dessa terra protegida por uma asa perpétua de pombas.  
Tantas, tantas mulheres belas, fortes, não, não eram  
brisas visíveis, não eram aromas palpáveis, a luz que vinha  
com tão cambiantes roupagens, entre rosas ardentes.  
Era a tua doce terra cantando, a tua carne milagrosa, o teu sangue?

Todos os cedros calam, todos os carvalhos calam.  
E junto à árvore vermelha onde o céu se empoleira,  
há um cavalo negro com sóis nas ancas,  
e em cujo olho líquido habita uma centelha.  
Há um cavalo, o meu, e ouço uma voz que diz:  
“É o potro mais belo em terras de teu pai”.

\*\*\*

No umbral gasto persiste um vento fiel,  
repetindo uma sílaba que brilha por instantes.  
Uma folha delicada ainda conserva a sua fina frescura  
de um extremo a outro extremo do ano.  
“Regressa, regressa a esta terra onde é doce a vida”.

**V**

Escrevi um vento, um sopro vivo  
do vento entre fragrâncias, entre ervas  
mágicas; narrei  
o vento; apenas um pouco de vento.

Noite, sombra até ao fim, entre os secos  
ramos, entre folhagens, ninhos desfeitos — entre anos —  
rebrilhavam as luas de casca de ovo,  
as grandes luas cheias de silêncio e de espanto.

**Morada al sur [ES]**

I

En las noches mestizas que subían de la hierba,  
jóvenes caballos, sombras curvas, brillantes,  
estremecían la tierra con su casco de bronce.  
Negras estrellas sonreían en la sombra con dientes de oro.

Después, de entre grandes hojas, salía lento el mundo.  
La ancha tierra siempre cubierta con pieles de soles.  
(Reyes habían ardido, reinas blancas, blandas,  
sepultadas dentro de árboles gemían aún en la espesura).

Miraba el paisaje, sus ojos verdes, cándidos.  
Una vaca sola, llena de grandes manchas,  
revolvada en la noche de luna, cuando la luna sesga,  
es como el pájaro toche en la rama, “llamita”, “manzana de miel”.

El agua límpida, de vastos cielos, doméstica se arrulla.  
Pero ya en la represa, salta la bella fuerza,  
con majestad de vacada que rebasa los pastales.  
Y un ala verde, tímida, levanta toda la llanura.

El viento viene, viene vestido de follajes,  
y se detiene y duda ante las puertas grandes,  
abiertas a las salas, a los patios, las trojes.  
Y se duerme en el viejo portal donde el silencio  
es un maduro gajo de fragantes nostalgias.

Al mediodía la luz fluye de esa naranja,  
en el centro del patio que barrieron los criados.  
(El más viejo de ellos en el suelo sentado,  
su sueño, mosca zumbante sobre su frente lenta).

No todo era rudeza, un áureo hilo de ensueño  
se enredaba a la pulpa de mis encantamientos.  
Y si al norte el viejo bosque tiene un tic-tac profundo,  
al sur el curvo viento trae franjas de aroma.

(Yo miro las montañas. Sobre los largos muslos  
de la nodriza, el sueño me alarga los cabellos).

II

Y aquí principia, en este torso de árbol,  
 en este umbral pulido por tantos pasos muertos,  
 la casa grande entre sus frescos ramos.  
 En sus rincones ángeles de sombra y de secreto.

En esas cámaras yo vi la faz de la luz pura.  
 Pero cuando las sombras las poblaban de musgos,  
 allí, mimosa y cauta, ponía entre mis manos,  
 sus lunas más hermosas la noche de las fábulas.

\*\*\*

Entre años, entre árboles, circuida  
 por un vuelo de pájaros, guirnalda cuidadosa,  
 casa grande, blanco muro, piedra y ricas maderas,  
 a la orilla de este verde tumbo, de este oleaje poderoso.

En el umbral de roble demoraba,  
 hacía ya mucho tiempo, mucho tiempo marchito,  
 el alto grupo de hombres entre sombras oblicuas,  
 demoraba entre el humo lento alumbrado de memoranzas:

Oh voces manchadas del tenaz paisaje, llenas  
 del ruido de tan hermosos caballos que galopan bajo asombrosas ramas.

Yo subí a las montañas, también hechas de sueños,  
 yo ascendí a las montañas donde un grito  
 persiste entre las alas de palomas salvajes.

\*\*\*

Te hablo de días circuidos por los más finos árboles:  
 te hablo de las vastas noches alumbradas  
 por una estrella de menta que enciende toda sangre:

te hablo de la sangre que canta como una gota solitaria  
 que cae eternamente en la sombra, encendida:

te hablo de un bosque extasiado que existe  
 sólo para el oído, y que en el fondo de las noches pulsa  
 violas, arpas, laúdes y lluvias sempiternas.





Te hablo también: entre maderas, entre resinas,  
entre millares de hojas inquietas, de una sola  
hoja:  
pequeña mancha verde, de lozanía, de gracia,  
hoja sola en que vibran los vientos que corrieron  
por los bellos países donde el verde es de todos los colores,  
los vientos que cantaron por los países de Colombia.

Te hablo de noches dulces, junto a los manantiales, junto a cielos,

que tiemblan temerosos entre alas azules:

te hablo de una voz que me es brisa constante,  
en mi canción moviendo toda palabra mía,  
como ese aliento que toda hoja mueve en el sur, tan dulcemente,  
toda hoja, noche y día, suavemente en el sur.

### III

En el umbral de roble demoraba,  
hacía ya mucho tiempo, mucho tiempo marchito,  
un viento ya sin fuerza, un viento remansado  
que repetía una yerba antigua, hasta el cansancio.

Y yo volvía, volvía por los largos recintos  
que tardara quince años en recorrer, volvía.

Y hacia la mitad de mi canto me detuve temblando,  
temblando temeroso, con un pie en una cámara  
hechizada, y el otro a la orilla del valle  
donde hierve la noche estrellada, la noche  
que arde vorazmente en una llama tática.

Y a la mitad del camino de mi canto temblando  
me detuve, y no tiembla entre sus alas rotas,  
con tanta angustia, una ave que agoniza, cual pudo,  
mi corazón luchando entre cielos atroces.

## IV

Duerme ahora en la cámara de la lanza rota en las batallas.  
 Manos de cera vuelan sobre tu frente donde murmuran  
 las abejas doradas de la fiebre, duerme.  
 El río sube por los arbustos, por las lianas, se acerca,  
 y su voz es tan vasta y su voz es tan llena.  
 Y le dices, repites: ¿Eres mi padre? Llenas el mundo  
 de tu aliento saludable, llenas la atmósfera.  
 —Soy el profundo río de los mantos suntuosos.

Duerme quince años fulgentes, la noche ya ha cosido  
 suavemente tus párpados, como dos hojas más, a su follaje negro.

\*\*\*

No eran jardines, no eran atmósferas delirantes. Tú te acuerdas  
 de esa tierra protegida por una ala perpetua de palomas.  
 Tantas, tantas mujeres bellas, fuertes, no, no eran  
 brisas visibles, no eran aromas palpables, la luz que venía  
 con tan cambiantes trajes, entre linos, entre rosas ardientes.  
 ¿Era tu dulce tierra cantando, tu carne milagrosa, tu sangre?

Todos los cedros callan, todos los robles callan.  
 Y junto al árbol rojo donde el cielo se posa,  
 hay un caballo negro con soles en las ancas,  
 y en cuyo ojo líquido habita una centella.  
 Hay un caballo, el mío, y oigo una voz que dice:  
 “Es el potro más bello en tierras de tu padre”.

\*\*\*

En el umbral gastado persiste un viento fiel,  
 repitiendo una sílaba que brilla por instantes.  
 Una hoja fina aún lleva su delgada frescura  
 de un extremo a otro extremo del año.  
 “Torna, torna a esta tierra donde es dulce la vida”.



**V**

He escrito un viento, un soplo vivo  
del viento entre fragancias, entre hierbas  
mágicas; he narrado  
el viento; sólo un poco de viento.

Noche, sombra hasta el fin, entre las secas  
ramas, entre follajes, nidos rotos —entre años—  
rebrillaban las lunas de cáscara de huevo,  
las grandes lunas llenas de silencio y de espanto.

*Morada al sur, 1963.*



—  
**María Mercedes Carranza**  
**(Bogotá, 24.05. 1945 – 11.07. 2003)**



**O ofício de vestir-se [trad. PT]**

De repente,  
quando desperto de manhã  
acordo-me de mim,  
secretamente abro os olhos  
e procedo a vestir-me.  
Primeiro coloco o meu gesto  
de pessoa decente.  
Em seguida ponho os bons  
costumes, o amor  
filial, o decoro, a moral,  
a fidelidade conjugal:  
para o final deixo as recordações.  
Lavo com primor  
a minha cara de boa cidadã  
visto a minha tão deteriorada esperança,  
meto na boca as palavras,  
escovo a bondade  
e ponho-a como um chapéu  
e nos olhos  
esse olhar tão amável.  
Dentro do armário seleciono as ideias  
que hoje me apetece iluminar  
e sem perder mais tempo  
meto-as na cabeça.  
Finalmente  
calço os sapatos  
e começo a andar: entre um passo e outro  
murmuro esta canção que canto  
à minha filha:  
“Se à tua janela chega  
o século vinte  
trata-o com carinho  
que é a minha pessoa”.

**El oficio de vestirse [ES]**

De repente,  
cuando despierto en la mañana  
me acuerdo de mí,  
con sigilo abro los ojos  
y procedo a vestirme.  
Lo primero es colocarme mi gesto  
de persona decente.  
En seguida me pongo las buenas  
costumbres, el amor  
filial, el decoro, la moral,  
la fidelidad conyugal:  
para el final dejo los recuerdos.  
Lavo con primor  
mi cara de buena ciudadana  
visto mi tan deteriorada esperanza,  
me meto entre la boca las palabras,  
cepillo la bondad  
y me la pongo de sombrero  
y en los ojos  
esa mirada tan amable.  
Entre el armario selecciono las ideas  
que hoy me apetece lucir  
y sin perder más tiempo  
me las meto en la cabeza.  
Finalmente  
me calzo los zapatos  
y echo a andar: entre paso y paso  
tarareo esta canción que le canto  
a mi hija:  
«Si a tu ventana llega  
el siglo veinte  
trátalo con cariño  
que es mi persona».

*Tengo miedo, 1983.*

**A pátria** [trad. PT]

Esta casa de espessas paredes coloniais  
e um pátio de azáleas muito oitocentista  
há vários séculos se desmorona.  
Como se nada fosse as pessoas vão e vêm  
por entre as casas em ruínas ,  
fazem amor, dançam, escrevem cartas.

Amiúde silvam balas ou é talvez o vento  
que silva através do teto descoberto.  
Nesta casa os vivos dormem como mortos,  
imitam os seus costumes, repetem os seus gestos  
e quando cantam, cantam os seus fracassos.

Tudo é ruína nesta casa,  
estão em ruína o abraço e a música,  
o destino, cada manhã, o riso são ruína,  
as lágrimas, o silêncio, os sonhos.  
As janelas mostram paisagens destruídas,  
carne e cinza confundem-se nos rostos,  
nas bocas as palavras revolvem-se com o medo.  
Nesta casa todos estamos enterrados vivos.

**La patria** [ES]

Esta casa de espesas paredes coloniales  
y un patio de azaleas muy decimonónico  
hace varios siglos que se viene abajo.  
Como si nada las personas van y vienen  
por las habitaciones en ruina,  
hacen el amor, bailan, escriben cartas.

A menudo silban balas o es tal vez el viento  
que silba a través del techo desfondado.  
En esta casa los vivos duermen con los muertos,  
imitan sus costumbres, repiten sus gestos  
y cuando cantan, cantan sus fracasos.

Todo es ruina en esta casa,  
están en ruina el abrazo y la música,  
el destino, cada mañana, la risa son ruina,  
las lágrimas, el silencio, los sueños.  
Las ventanas muestran paisajes destruidos,  
carne y ceniza se confunden en las caras,  
en las bocas las palabras se revuelven con el miedo.  
En esta casa todos estamos enterrados vivos.

*Hola, soledad, 1987.*



## **Perguntas a uma recordação** [trad. PT]

*In memoriam LP*

I

A recordação não é um móvel velho  
que se vê por vezes ao passar,  
se roça de quando em quando  
e se limpa o pó em alguma tarde.  
A recordação tem vida,  
respira, busca, interroga, persegue.  
Recolhe coisas pelo caminho,  
inventa ruas e palavras  
bebe da luz, dos desastres.  
Vê-se a um espelho compassivo,  
alimenta-se do desejo.  
Povoa a nossa vida a seu capricho,  
não tem geografia conhecida.  
Ninguém sabe quando começa uma recordação, ninguém sabe  
se esta manhã e a sua luz serão uma recordação.

II

Anos depois como quem tateia às escuras, pergunto:  
banhámo-nos desnudos sob o duche, fartos de risos,  
nesse hotel oitocentista de Leningrado?  
Recordo a cor da luz, as deslizantes carícias.  
Recordo e não recordo, tropeço entre a lucidez e o engano,  
entre umas paredes irreais e o odor amendoado do sabão.

Por vezes creio que se roçaram os corpos molhados,  
por vezes vejo apenas  
cair a neve sobre o rosto metálico do Pushkin solitário  
que vive a sua eternidade num jardim próximo.

**Preguntas a un recuerdo [ES]***In memoriam LP***I**

El recuerdo no es un mueble viejo  
que se mira a veces al pasar,  
se roza de cuando en cuando  
y se limpia el polvo alguna tarde.  
El recuerdo tiene vida,  
respira, busca, interroga, acecha.  
Recoge cosas por el camino,  
inventa calles y palabras  
bebe de la luz, de los desastres.  
Se mira en un espejo compasivo,  
se alimenta del deseo.  
Puebla nuestra vida a su antojo,  
no tiene geografía conocida.  
Nadie sabe cuando comienza un recuerdo, nadie sabe  
si esta mañana y su luz serán recuerdo.

**II**

Años después como quien tantea a oscuras, pregunto:  
¿nos bañamos desnudos bajo la ducha, llenos de risa,  
en ese hotel decimonónico de Leningrado?  
Recuerdo el color de la luz, las resbaladas caricias.  
Recuerdo y no recuerdo, tropiezo entre la lucidez y el engaño,  
entre unas paredes irreales y el olor almendrado del jabón.

A veces creo que se rozaron los cuerpos mojados,  
a veces veo solo  
caer la nieve sobre la cara metálica del Pushkin solitario  
que vive su eternidad en un jardín cercano

*Hola, soledad, 1987.*





**Ode ao amor** [trad. PT]

Uma tarde que nunca olvidarás  
chega a tua casa e senta-se à mesa.  
Pouco a pouco terão um lugar em cada aposento,  
nas paredes e nos móveis estarão as suas marcas,  
descerá a tua cama, ajeitará a almofada.  
Os livros da biblioteca, precioso tecido de anos,  
acomodar-se-ão ao seu gosto e semelhança.  
Outros olhos observarão os teus hábitos  
o teu ir e vir entre paredes e abraços  
e serão distintos os ruídos quotidianos e os odores.  
Uma qualquer tarde que jamais olvidarás  
aquele que desbaratou a tua casa e habitou as tuas coisas  
sairá pela porta sem dizer adeus.  
Deverás começar a fazer de novo a casa,  
reacomodar os móveis, limpar as paredes,  
trocar as fechaduras, rasgar retratos,  
varrer tudo, e seguir vivendo.

**Oda al amor** [ES]

Una tarde que nunca olvidarás  
llega a tu casa y se sienta a la mesa.  
Poco a poco tendrán un lugar en cada habitación,  
en las paredes y los muebles estarán sus huellas,  
descenderá tu cama y ahuecará la almohada.  
Los libros de la biblioteca, precioso tejido de años,  
se acomodarán a su gusto y semejanza,  
cambiarán de lugar las fotos antiguas.  
Otros ojos mirarán tus costumbres,  
tu ir y venir entre paredes y abrazos  
y serán distintos los ruidos cotidianos y los olores.  
Cualquier tarde que ya nunca olvidarás  
el que desbarató tu casa y habitó tus cosas  
saldrá por la puerta sin decir adiós.  
Deberás comenzar a hacer de nuevo la casa,  
reacomodar los muebles, limpiar las paredes,  
cambiar las cerraduras, romper retratos,  
barrerlo todo, y seguir viviendo.

*De amor y desamor y otros poemas, 1995.*

**Canto 4 DABEIBA** [trad. PT]

O rio é doce aqui  
em Dabeiba  
e leva rosas vermelhas  
derramadas nas águas.  
Não são rosas,  
é o sangue  
que toma outros caminhos.

**Canto 4 DABEIBA** [ES]

El río es dulce aquí  
en Dabeiba  
y lleva rosas rojas  
esparcidas en las aguas.  
No son rosas,  
es la sangre  
que toma otros caminos.

*El canto de las moscas (Versión de los acontecimientos), 1998<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Nota de tradução: Poemário constituído por 24 cantos breves, cada um tomando por título o nome de uma localidade colombiana onde, nos anos 1980, se registaram episódios de violência política. Dabeiba foi uma dessas localidades, situada no departamento de Antioquia, cuja capital é Medellín.



—  
**Juan Manuel Roca**  
**[Medellín, 1946]**



**Mester de Cegar** [trad. PT]**1.**

Desde a varanda, à hora em que o sol peneirava cristas de pássaros azuis, a minha mãe e eu observávamos o pátio na casa dos cegos.

**2.**

Os meninos cegos substituíam a bola por uma caixa de lata e jogavam com o ruído. Quando o ruído rodava para algum lugar do pátio, os meninos perseguiam-no, chutavam-no correndo entre as sombras.

**3.**

A minha mãe e eu na varanda. E em baixo, anjos da sombra corriam como loucos atrás do ruído. Depois a nossa casa era uma gaiola. A minha mãe passeava pela alcova limpando o olho aos retratos dos seus mortos. Eu escutava o deslizar das sombras no aposento.

**4.**

Entre árvores que levitavam a sua floração obscura, a casa guardava-nos da tarde tempestuosa. E já de noite, acomodado ao remanso do sonho, como um cego perseguia o ruído daquela mulher desconhecida.

**5.**

Perguntava pela estrangeira, sem pensar que todos somos estrangeiros no sonho. Levava-me com um gorro de casca-vel por jardins chuvosos escutando o teto relinchante de um estábulo ou um ruído de bíblias em quartos vizinhos.

**6.**

A noite tatuava-me.



### **Mester de Ceguera** [ES.]

**1.**

Desde la terraza, a la hora en que el sol cernía picos de pájaros azules, mi madre y yo mirábamos el patio en la casa de los ciegos.

**2.**

Los niños ciegos reemplazaban el balón por una caja de lata y jugaban con el ruido. Cuando el ruido rodaba hacia algún lugar del patio, los niños lo perseguían, lo pateaban corriendo entre las sombras.

**3.**

Mi madre y yo en la terraza. Y abajo, ángeles de la sombra corrían como locos tras del ruido. Después nuestra casa era una jaula. Mi madre paseaba por la alcoba limpiando el ojo a los retratos de sus muertos. Yo escuchaba el deslizarse de las sombras en la estancia.

**4.**

Entre árboles que levitaban su floración oscura, la casa nos guardaba de la tarde tempestuosa. Y ya de noche, acomodado al recinto del sueño, como un ciego perseguía el ruido de aquella mujer desconocida.

**5.**

Preguntaba por la extranjera, sin pensar que todos somos extranjeros en el sueño. Me pasaba con un gorro de casca-bel por jardines lluviosos escuchando el techo pifante de un establo o un ruido de biblias en los cuartos vecinos.

**6.**

La noche me tatuaba.

*Los Ladrones Nocturnos, 1977*

**César Vallejo Convida para um Jantar** [trad. PT]

César Vallejo  
Convida os seus amigos para um jantar.  
Pede-se que sejam pontuais, que tragam pão e que não usem golas  
de granizo.  
Há suficiente frio na despensa.

A voz anuncia que começa a cair em Paris  
um aguaceiro.  
Não se importe que venha:  
Os prognósticos do tempo  
Não são os da morte.

Ao fundo está o salão  
Onde o tempo puído do inverno,  
Ou quiçá os imprevistos, deixam ver  
Tão somente um par de silenciosos  
Comensais: o poeta e a sua sombra.

Veste melhor a sombra do que o poeta,  
Não se vêem as gelhas que foram deixadas no  
fato do seu amigo,  
Paris, os úmeros mal postos, a chuva,  
A remota viagem de Trujillo até Lima.

César Vallejo  
Convida os seus amigos para um jantar.  
Pede-se que sejam pontuais, que tragam vinho  
E que esqueçam em casa a sua conta de ossos.  
Há suficiente espaço, suficiente espaço no  
seu silêncio.

A voz faz-se mais melíflua na rádio,  
A voz que convida os amantes a cobrir  
De outra pele a sua nudez.

No outro lado da noite  
César Vallejo desenha nos restos do café,  
No seu escuro sedimento,  
O diluído irmão de jogos  
Que tem no fundo da xícara  
os traços da morte.



É outro jogo a que regressa com o seu irmão

Miguel:

A morte, como as crianças, escamoteia corpos  
Quando joga às escondidas. Por algum recanto da noite.  
Vallejo procura o seu irmão  
Em salões e vestibulos de outro mundo.

Já não se ouve a voz da cantante  
E há quem diga que a morte toca o sol, toca a quena.

César Vallejo  
Convida os seus amigos para um jantar.

Pede-se que sejam pontuais,  
Que tragam também o desconhecido e a sua senhora.



**César Vallejo Invita a una Cena [ES]**

César Vallejo  
Invita a sus amigos a una cena.  
Se pide ser puntual, traer pan y no usar collares  
de granizo.  
Hay suficiente frío en la alacena.

La voz anuncia que empieza a caer en París  
un aguacero.  
No le importe venir:  
Los pronósticos del tiempo  
No son los de la muerte.

Al fondo está el salón  
Donde el tiempo raído del invierno,  
O quizás los imprevistos, dejan ver  
Tan sólo una pareja de silenciosos  
Comensales: el poeta y su sombra.

Viste mejor la sombra que el poeta,  
No se le ven los pliegues que han dejado en  
el traje de su amigo,  
París, los húmeros mal puestos, la lluvia,  
El remoto viaje de Trujillo hasta Lima.

César Vallejo  
Invita a sus amigos a una cena.  
Se pide ser puntual, traer vino  
Y olvidar en casa su nómina de huesos.  
Hay suficiente espacio, suficiente espacio en  
su silencio.

La voz se hace más meliflua en la radio,  
La voz que invita a los amantes a cubrir  
De otra piel su desnudez.

Al otro lado de la noche  
César Vallejo dibuja en los restos del café,  
En su oscuro sedimento,  
Al diluido hermano de juegos  
Que tiene en el fondo del pocillo  
los rasgos de la muerte.





Es otro juego al que regresa con su hermano

Miguel:

La muerte, como los niños, escamotea cuerpos  
Cuando juega al escondite. Por algún recodo de la noche,  
Vallejo busca a su hermano  
En salones y zaguanes de otro mundo.

Ya no se oye la voz de la cantante  
Y hay quien dice que la muerte toca el sol, toca la quena.

César Vallejo  
Invita a sus amigos a una cena.

Se pide ser puntual,  
Traer también al desconocido y su señora.

*Ciudadano de la Noche, 1989.*



**Passaporte do Apátrida** [trad. PT]<sup>1</sup>

Na alfândega perguntam-me  
De que país sou cidadão.  
Quando a Catrina toca o seu pífaro de osso  
E remenda sonhos esquecidos, sou mexicano.

Se ao abrir e fechar um bandoneón se desdobra na rua  
E um gato percorre as cornijas do bairro,  
O meu anjo da guarda fala lunfardo.  
Se a tristeza inunda o meu quarto,  
Envalleja o meu pão e a minha gamela, o meu prato e a minha colher,  
Sou o huaino que acompanha o homem solitário,  
Um homem chegado da Puna.

Vejo o fantasma de Teillier e sou água do Chile,  
Compatriota de céus e naufrágios.  
Se o silêncio desliza num bote de totora,  
Se as nuvens mascam coca para subir à sua altura, sou boliviano.

Quando soa uma orquestra e a percussão do peito  
Leva o som de trens no túnel da noite,  
Sou de Santiago ou de La Habana, um lajeiro que regressa  
A golpear com o seu bastão os abrigos da alba.

Se um potro percorre a planície (se o velho Simón Díaz  
Traz um chapéu de ouro, uma cor de araguaney),  
A minha água batismal é Venezuela

<sup>1</sup> Nota de tradução: todo poema é percorrido por referências culturais e biogeográficas de várias regiões da América Latina. P. ex.: a Catrina mexicana; o bandoneón que acompanha o tango e o dialeto lunfardo da Argentina; a poesia do peruano César Vallejo ou do chileno Jorge Teillier; a música/dança huaina pré-colombiana; a araguaney, árvore de flor amarela que se encontra em várias regiões sul-americanas.

**Pasaporte del Apátrida [ES]**

En la aduana me preguntan  
De qué país soy ciudadano.  
Cuando la Catrina toca su pífano de hueso  
Y remienda sueños olvidados, soy mexicano.

Si al abrir y cerrar un bandoneón se despliega en la calle  
Y un gato recorre las cornisas del barrio,  
Mi ángel de la guarda habla en lunfardo.  
Si la tristeza se riega en mi cuarto,  
Envalleja mi pan y mi artesa, mi plato y mi cuchara,  
Soy el huayno que acompaña al hombre solitario,  
Un hombre llegado de la Puna.

Veo el fantasma de Teillier y soy agua de Chile,  
Compatriota de cielos y naufragios.  
Si el silencio se desliza en un bote de totora,  
Si las nubes mascan coca para subir a su altura, soy boliviano.

Quando suena una orquesta y la percusión del pecho  
Lleva un sonido de trenes al túnel de la noche,  
Soy de Santiago o La Habana, un lajero que regresa  
A golpear con su bastón los tinglados del alba.

Si un potro recorre la llanura (si el viejo Simón Díaz  
Trae un sombrero de oro, un color de araguaney),  
Mi agua bautismal es Venezuela.

*Pasaporte del apátrida, 2012.*

**Arenga do corpo** [trad. PT]**I**

Acontece que Roca me invade até ao cansaço. Não me dá descanso, revolve-me e examina-me como a um pássaro raro: não lhe basta trazer-me notícias do seu espelho.

**II**

Farto estou da sua cruenta ditadura, da sua mania de me exhibir pelo mundo como a um cão de luxo, como um galgo.

**III**

Farto estou de que me habite, de que troque o ouro dos meus dias por migalhas de milagres.

**IV**

Acontece que às vezes me invade com vozes de ausentes, com linguajar de poetas que guarda em mim como se eu fosse um velho e simples armário.

**V**

À noite atira-me para a sua cama como um pesado saco enquanto dorme sem preocupações nos seus lençóis.

**VI**

Se não o atiro da varanda, é porque não quero dar-lhe o gosto de saltar comigo para o vazio, comigo e com a sombra que levo colada ao meu destino.

**VII**

Aborrecem-me as suas piadas – conheço até ao cansaço – e os seus dizeres e os seus poemas e esse ar seguro de pequeno faraó da sua pobreza.

**VIII**

Porém acontece que às vezes me desarma: é vê-lo quando me aproxima da sua moça, como se esgueira em mim, como procura no bolso do coração a sua melhor palavra

**IX**

O pobre Roca não tem remédio.

**Arenga del cuerpo [ES]**

**I**

Ocorre que Roca me invade hasta el cansancio. No me deja respiro, me hurga y examina como a un raro pajarraco: no le basta con traerme noticias de su espejo.

**II**

Harto estoy de su cruenta dictadura, de su manía de exhibirme por el mundo como un perro de lujo, como un galgo.

**III**

Harto estoy de que me habite, de que cambie el oro de mis días por migajas de milagro.

**IV**

Ocorre que a veces mi invade con voces de ausentes, con jerga de poetas que guarda en mí como si fuera un viejo y simple armario.

**V**

Por las noches me arroja en su cama como un pesado saco mientras duerme a pierna suelta en sus laureles.

**VI**

Si no lo arrojó desde la terraza, es porque no quiero darle el gusto de saltar conmigo al vacío, conmigo y la sombra que llevo pegada a mi destino.

**VII**

Me aburren sus chistes – que conozco hasta el cansancio - y sus decires, y sus poemas y ese aire seguro de pequeño faraón de su pobreza.

**VIII**

Pero ocurre que a veces me desarma: hay que verlo cuando me acerca a su muchacha, cómo se agazapa en mí, cómo esculca en el bolsillo del corazón su mejor habla.

**IX**

El pobre Roca no tiene remedio.

*Luna de Ciegos, 1991.*

—

# Darío Jaramillo

[Santa Rosa de Osos, Antioquia, 1947]

**Razões do ausente** [trad. PT]

Se alguém lhes perguntar por ele,  
digam-lhe que talvez não regressasse nunca ou que se regressar  
provavelmente já ninguém reconhecerá o seu rosto;  
digam-lhe também que não deixou razões para ninguém,  
que tinha uma mensagem secreta, algo importante a dizer-lhes  
mas que o tinha esquecido.  
Digam-lhe que agora está em queda, de outro modo e em outra parte do mundo,  
digam-lhe que todavia não é feliz,  
se isto faz feliz algum deles; digam-lhe também que se foi com o coração  
vazio e seco  
e digam-lhe que isso não importa nem sequer para o lamento ou o perdão  
e que nem ele mesmo sofre por isso,  
que já não crê em nada nem em ninguém e muito menos nele mesmo  
que tantas coisas que viu apagaram o seu olhar e agora, cego, necessita do tato,  
digam-lhe que alguma vez teve um leve resquício de fé em Deus, num dia de sol,  
digam-lhe que houve palavras que o fizeram crer no amor  
e logo soube que o amor dura  
o que dura uma palavra.  
Digam-lhe que como um globo de ar perfurado a tiros,  
a sua alma foi caindo até ao inferno em que vive e que nem sequer está desesperado  
e digam-lhe que às vezes pensa que essa calma inexorável é o seu castigo;  
digam-lhe que ignora qual é o seu pecado  
e que a culpa que o arrasta pelo mundo a considera apenas outro dado do problema  
e digam-lhe que em certas noites de insónia e também em outras em que crê tê-lo sonhado,  
teme que acaso a culpa seja a única parte de si mesmo que lhe resta  
e digam-lhe que em certas manhãs plenas de luz  
e a meio de tardes de piedosa luxúria e também bêbado de vinho em noites de chuva  
sente certa alegria pueril pela sua inocência  
e digam-lhe que nessas ocasiões ditosas fala a sós.  
Digam-lhe que se alguma vez regressar, voltará com duas cerejas em seus olhos  
e uma planta de amoras semeada no seu estômago e uma serpente enroscada na sua garganta  
e tampouco esperará nada de ninguém e ganhará a vida honestamente,  
de adivinho, lendo cartas e celebrando estranhas cerimónias nas quais não acreditará  
e digam-lhe que levou consigo algumas superstições, três fetiches,  
certas cumplicidades mal entendidas  
e a recordação de dois ou três rostos que sempre regressam a ele na obscuridade  
e nada.

**Razones del ausente [ES]**

Si alguien les pregunta por él,  
díganle que quizá no vuelva nunca o que si regresa  
acaso ya nadie reconozca su rostro;  
díganle también que no dejó razones para nadie,  
que tenía un mensaje secreto, algo importante qué decirles  
pero que lo ha olvidado.  
Díganle que ahora está cayendo, de otro modo y en otra parte del mundo,  
díganle que todavía no es feliz,  
si esto hace feliz a alguno de ellos; díganle también que se fue con el corazón  
vacío y seco  
y díganle que eso no importa ni siquiera para la lástima o el perdón  
y que ni él mismo sufre por eso,  
que ya no cree en nada ni en nadie y mucho menos en él mismo,  
que tantas cosas que vio apagaron su mirada y ahora, ciego, necesita del tacto,  
díganle que alguna vez tuvo un leve rescoldo de fe en Dios, en un día de sol,  
díganle que hubo palabras que le hicieron creer en el amor  
y luego supo que el amor dura  
lo que dura una palabra.  
Díganle que como un globo de aire perforado a tiros,  
su alma fue cayendo hasta el infierno que lo vive y que ni siquiera está desesperado  
y díganle que a veces piensa que esa calma inexorable es su castigo;  
díganle que ignora cuál es su pecado  
y que la culpa que lo arrastra por el mundo la considera apenas otro dato del problema  
y díganle que en ciertas noches de insomnio y aun en otras en que cree haberlo soñado,  
teme que acaso la culpa sea la única parte de sí mismo que le queda  
y díganle que en ciertas mañanas llenas de luz  
y en medio de tardes de piadosa lujuria y también borracho de vino en noches de lluvia  
siente cierta alegría pueril por su inocencia  
y díganle que en esas ocasiones dichosas habla a solas.  
Díganle que si alguna vez regresa, volverá con dos cerezas en sus ojos  
y una planta de moras sembrada en su estómago y una serpiente enroscada en su cuello.  
y tampoco esperará nada de nadie y se ganará la vida honradamente,  
de adivino, leyendo las cartas y celebrando extrañas ceremonias en las que no creará  
y díganle que se llevó consigo algunas supersticiones, tres fetiches,  
ciertas complicidades mal entendidas  
y el recuerdo de dos o tres rostros que siempre vuelven a él en la oscuridad  
y nada.

*Tratado de retórica, 1978.*





**Poemas de amor, 4** [trad. PT]

Algum dia te escreverei um poema que não mencione o ar nem a noite;  
um poema que omita os nomes das flores, que não tenha jasmíns ou magnólias.  
Algum dia te escreverei um poema sem pássaros nem fontes, um poema que evite o mar  
e que não observe as estrelas.  
Algum dia te escreverei um poema que se limite a passar os dedos pela tua pele  
e que converta em palavras o teu olhar.  
Sem comparações, sem metáforas, algum dia escreverei um poema que cheire a ti  
um poema com o ritmo das tuas pulsações, com a intensidade apertada do teu abraço.  
Algum dia te escreverei um poema, o canto da minha felicidade.

**Poemas de amor, 4** [ES]

Algún día te escribiré un poema que no mencione el aire ni la noche;  
un poema que omita los nombres de las flores, que no tenga jazmines o magnolias.  
Algún día te escribiré un poema sin pájaros ni fuentes, un poema que eluda el mar  
y que no mire a las estrellas.  
Algún día te escribiré un poema que se limite a pasar los dedos por tu piel  
y que convierta en palabras tu mirada.  
Sin comparaciones, sin metáforas, algún día escribiré un poema que huela a ti,  
un poema con el ritmo de tus pulsaciones, con la intensidad estrujada de tu abrazo.  
Algún día te escribiré un poema, el canto de mi dicha.

*Poemas de Amor, 1986.*

**Canto à minha cama** [trad. PT]

A minha cama é a cama de todos os dias.  
 Aprendi faz muito as sombras que se vêem desde a minha cama,  
 tateando chego fácil na minha cama ao volume da música,  
 ao switch da lâmpada, aos meus óculos,  
 a minha cama me acolhe cada noite, abre-se na forma de cada músculo meu,  
 a minha cama tem a prova de que não existo senão em sonhos  
 e o meu peso que se estende nela como se flutuasse  
 respira para que dancem os deuses da noite,  
 fantasmas vários e alucinações do insone dormir ,  
 cada noite jardim distinto ou variado inferno,  
 estremecimentos que nem eu conheço e que a minha cama conhece  
 rasgaduras e êxtases que a minha cama sabe.  
 Cama que me conheces solitário, imóvel, defunto quase,  
 quanto te agradeço que me prepares  
 para que a morte assim me chegue,  
 sobre ti,  
 e em ti fiquem os meus sonhos  
 a minha única substância

**Canto a mi cama** [ES]

Mi cama es la cama de todos los días.  
 Aprendí hace mucho las sombras que se ven desde mi cama,  
 a tientas llego fácil en mi cama al volumen de la música,  
 al suiche de la lámpara, a mis gafas,  
 mi cama me acoge cada noche, se abre en la forma de cada músculo mío,  
 mi cama tiene la prueba de que no existo sino en sueños  
 y mi peso que se tiende en ella como si flotara  
 respira para que bailen los dioses de la noche,  
 fantasmas varios y alucinaciones de la insomne duermevela,  
 cada noche jardín distinto o variado infierno,  
 estremecimientos que ni yo conozco y que mi cama conoce,  
 desgarraduras y éxtasis que mi cama sabe.  
 Cama que me conoces solitario, quieto, difunto casi,  
 cuánto te agradezco que me entrenes  
 para que la muerte así me llegue,  
 sobre ti,  
 y te queden mis sueños,  
 mi única sustancia.

*Cantar por Cantar, 2001*



**Gatos** [trad. PT]

Letárgicos em perpétua sesta  
depois de inconfessáveis andanças noturnas,  
desatentos ou alertas,  
os gatos estão na casa para serem mimados  
para se deixarem amar indiferentes.  
Deus fez os gatos para que homens e mulheres aprendam a estar sós.

**Gatos** [ES]

Aletargados en perpetua siesta  
después de inconfesables andanzas nocturnas,  
desentendidos o alertas,  
los gatos están en la casa para ser consentidos,  
para dejarse amar indiferentes.  
Dios hizo los gatos para que hombres y mujeres aprendan a estar solos.

*Gatos*, 2005.



—  
**Piedad Bonnett**  
(Amalfi, 1951)





**A tua boca vem a mim, somente a tua boca...** [trad. PT]

A tua boca vem a mim, somente a tua boca.  
Vem voando,  
libélula de sangue, labareda  
que inflama esta minha noite de cinza.  
Todo o sal do mar habita nela,  
todo o rumor do mar,  
toda a espuma.  
Boca para os beijo desenhada,  
onde dorme a tua língua tentadora.  
Todo o vinho do mundo está na tua boca,  
todo o pecado  
e a inocência toda.  
Boca que cala e quando diz, oculta.  
Capaz de toda a verdade a tua boca,  
de toda a verdade e a mentira.  
Ri a tua boca e desperta o dia.  
(Relâmpagos de neve há no teu riso).  
Como um tropel de potros me atropelam  
os beijos da tua boca deliciosa;  
a tua boca, borboleta equivocada,  
a tua boca longínqua que se apaga  
na minha noite de círculo e cinza.

**Tu boca viene a mí, solo tu boca... [ES]**

Tu boca viene a mí, solo tu boca.  
 Viene volando,  
 libélula de sangre, llamarada  
 que enciende ésta mi noche de ceniza.  
 Toda la sal del mar habita en ella,  
 todo el rumor del mar,  
 toda la espuma.  
 Boca para los besos dibujada,  
 donde duerme tu lengua tentadora.  
 Todo el vino del mundo está en tu boca,  
 todo el pecado  
 y la inocencia toda.  
 Boca que calla y cuando dice, oculta.  
 Capaz de toda la verdad tu boca,  
 de toda la verdad y la mentira.  
 Ríe tu boca y se despierta el día.  
 (Relámpagos de nieve hay en tu risa).  
 Como un tropel de potros me atropellan  
 los besos de tu boca deliciosa;  
 tu boca, mariposa equivocada,  
 tu boca ajena que se desdibuja  
 en mi noche de círculo y ceniza.

*De círculo y ceniza, 1989.*

**Do reino deste mundo** [trad. PT]

Falo  
de uma moça que tem o rosto desfigurado pelo fogo  
e os seios erguidos e doces como duas janelas com luz,  
do menino cego a quem a sua mãe descreve uma cor inventando palavras,  
do beijo leporino jamais dado,  
das mãos que não chegaram a saber  
que o chuvisco é tépido como o pescoço de um pássaro,  
do idiota que observa o caixão onde será enterrado o seu pai.  
Falo de Deus, perfeito como um círculo,  
e todo-poderoso e justo e sábio.

**Del reino de este mundo** [ES]

Hablo  
de la muchacha que tiene el rostro desfigurado por el fuego  
y los senos erguidos y dulces como dos ventanas con luz,  
del niño ciego al que su madre le describe un color inventando palabras,  
del beso leporino jamás dado,  
de las manos que no llegaron a saber  
que la llovizna es tibia como el cuello de un pájaro,  
del idiota que mira el ataúd donde será enterrado su padre.  
Hablo de Dios, perfecto como un círculo,  
y todopoderoso y justo y sabio.

*Nadie en casa, 2006.*

**Agora que já não sou mais jovem** [trad. PT]

Agora que já alcancei metade do caminho da minha vida,  
eu que sempre me afligi com as pessoas idosas,  
eu, que sou eterna pois morri cem vezes, de tédio, de agonia,  
e que abro os meus braços ao sol nas manhãs e me embalo  
nas noites e canto canções para espantar o medo,  
que farei com esta sombra que começa a vestir-me  
e a despojar-me sem remorsos?

Que farei com o confuso e turvo rio que não encontra o seu mar,  
com tanto dia e tanto aniversário, com tanta juventude às costas,  
se ainda não nasci, se ainda hoje me cabe  
um mundo inteiro no costado esquerdo?

Que fazer agora que já não sou mais jovem  
se todavia não te conheci?

**Ahora que ya no soy más joven** [ES]

Ahora que ya remonto la mitad del camino de mi vida,  
yo que siempre me apené de las gentes mayores,  
yo, que soy eterna pues he muerto cien veces, de tedio, de agonía,  
y que alargo mis brazos al sol en las mañanas y me arrullo  
en las noches y me canto canciones para espantar el miedo,  
¿qué haré con esta sombra que comienza a vestirme  
y a despojarme sin remordimientos?

¿Qué haré con el confuso y turbio río que no encuentra su mar,  
con tanto día y tanto aniversario, con tanta juventud a las espaldas,  
si aún no he nacido, si aún hoy me cabe  
un mundo entero en el costado izquierdo?

¿Qué hacer ahora que ya no soy más joven  
si todavía no te he conocido?

*El hilo de los días, 1995.*





**Oração** [trad. PT]

Para os meus dias peço,  
Senhor dos naufrágios,  
não água para a sede, mas a sede,  
não sonhos  
mas fome de sonhar.  
Para as noites,  
toda a escuridão que seja necessária  
para afogar a minha própria escuridão.

**Oración** [ES]

Para mis días pido,  
Señor de los naufragios,  
no agua para la sed, sino la sed,  
no sueños  
sino ganas de soñar.  
Para las noches,  
toda la oscuridad que sea necesaria  
para ahogar mi propia oscuridad.

*Oración y otros poemas, 2019.*

**Peço à dor que permaneça** [trad. PT]

Peço à dor que permaneça.  
Que não se renda ao tempo, que se incruste  
como uma larva eterna nas minhas costas

para que pela sua mão cada dia  
com os teus olhos intactos ressuscites,  
com a tua luz e o teu pesar ressuscites  
dentro de mim.

Para que não moras duplamente  
peço à dor que seja o meu alimento,  
o ar da minha chama, do fogo

onde venhas diariamente consolar-te  
das frias paisagens da morte.

**Pido al dolor que persevere** [ES]

Pido al dolor que persevere.  
Que no se rinda al tiempo, que se incruste  
como una larva eterna en mi costado

para que de su mano cada día  
con tus ojos intactos resucites,  
con tu luz y tu pena resucites  
dentro de mí.

Para que no te mueras doblemente  
pido al dolor que sea mi alimento,  
el aire de mi llama, de la lumbre

donde vengas a diario a consolarte  
de los fríos paisajes de la muerte.

*Los habitados, 2016.*